

PALAVRAS QUE DOEM: EDUCAÇÃO NO CAMPO SOCIAL E A VOZ DE JOVENS ADOLESCENTES NA DENÚNCIA DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS

WORDS THAT HURT: EDUCATION IN THE SOCIAL FIELD AND THE VOICE OF YOUNG ADOLESCENTS IN DENOUNCING HUMAN RIGHTS VIOLATIONS

Marilene Alves Lemes

Doutora em Educação pela Unisinos (São Leopoldo/Brasil).
Pós-Doutoranda na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil). Bolsista CAPES.
E-mail: marilene.lemes@gmail.com

Dinora Tereza Zucchetti

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora no PPG em Teologia da Escola Superior de Teologia (São Leopoldo/Brasil).
E-mail: dinora@est.edu.br

Liana Finkler

Mestranda no curso de Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil). Bolsista CAPES.
E-mail: liana.finkler@gmail.com

Recebido em: 15 de janeiro de 2026

Aprovado em: 17 de abril de 2026

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 23 | n. 2 | p. 434-453 | jul./dez. 2026

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.4547>

RESUMO

O presente ensaio analisa o cordel *É de Partir o Coração* (Lemes, 2024), produzido a partir do acompanhamento familiar em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), na região metropolitana de Porto Alegre/RS. O objetivo deste estudo é evidenciar a função educativa do cordel enquanto ferramenta pedagógica de informação, crítica e denúncia, sendo um recurso capaz de promover a superação do silêncio e da opressão mediante graves violações de direitos. A metodologia fundamenta-se na análise Documental e na memória como método de coleta de dados. Foram explorados os elementos literários da obra e narrativas de quatro jovens adolescentes vítimas de violência doméstica e institucional. Os resultados demonstram que o potencial educativo do cordel reside na sua capacidade de transformar a dor individual em uma narrativa visível e compartilhada, atuando como um dispositivo de educação social que favorece a conscientização crítica. Mais do que um gênero literário, o cordel constituiu uma manifestação potente para denunciar a violência em suas múltiplas formas, convocando o engajamento na luta pelos direitos infantojuvenis junto ao Sistema de Garantia de Direitos e reafirmando a palavra enquanto ato de resistência e esperança.

Palavras-chave: Cordel. Jovens adolescentes. Educação social. Função educativa. Violências.

ABSTRACT

This paper analyzes the cordel "*É de Partir o Coração*" (Lemes, 2024), developed through family follow-up at a Specialized Social Assistance Reference Center (CREAS) in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The aim of this study is to highlight the educational role of cordel as a pedagogical tool for information, critique, and denunciation, capable of helping to overcome silence and oppression in contexts marked by severe rights violations. The methodology is based on documentary analysis and memory as a method of data collection. The study examines the literary elements of the work, as well as the narratives of four adolescents who are victims of domestic and institutional violence. The results indicate that the educational potential of cordel lies in its ability to transform individual pain into a visible and shared narrative, functioning as a form of social education that fosters critical awareness. More than a literary genre, cordel emerges as a powerful medium for denouncing violence in its multiple forms, calling for engagement in the struggle for children's and adolescents' rights within the Rights Guarantee System, while reaffirming language as an act of resistance and hope.

Keywords: Cordel literature. Young teenagers. Social education. Educational role. Violence.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, tradicionalmente associada ao Nordeste brasileiro, vem sendo popularizada em outras regiões do país por diversos poetas, sendo Bráulio Bessa um de seus maiores expoentes. Originalmente exposta em folhetos, a arte poética de origem ibérica se enraizou na cultura popular brasileira, misturando-se às influências africanas e indígenas e consolidando-se como uma poderosa forma de expressão (Silva, 2023). Além de manifestação cultural, o cordel serve também como um veículo de comunicação e denúncia social, capaz de romper barreiras geográficas e se conectar com públicos diversos, em especial, com as classes populares.

O ensaio tem como tema central a violência doméstica e institucional e examina subtemas complexos como feminicídio, abuso sexual, negligência, dependência química e depressão. A pergunta norteadora deste estudo é: de que modo a escrita de um cordel, enquanto ferramenta de informação, crítica e denúncia social, tem potencial para a superação do silêncio e da opressão, mediante graves violações de direitos? O objetivo geral é, portanto, evidenciar a potência educativa do cordel, que é o mote dessa escrita.

Por meio da análise documental (Junior *et al.*, 2021) e da memória como método de coleta de dados (Dores, 1999), examina-se o cordel *É de Partir o Coração*¹ (Lemes, 2024), produzido em um ambiente de proteção social — um Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) da região metropolitana de Porto Alegre/RS. O CREAS² faz parte do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e é um espaço fundamental para o atendimento de famílias e indivíduos que vivem em situação de risco ou que têm seus direitos violados. Foi nesse contexto, marcado por fragilidades e pela busca por fortalecimento de vínculos, que a poesia de cordel se tornou uma ferramenta pedagógica potente. A escrita do cordel não surgiu de um plano pré-definido, mas de um processo metodológico sensível a partir de uma prática de educação social que buscava “aprender a dolorir” — a expressão, inspirada no documentário *Canto da Cicatriz* (Chaffe, 2005), envolveu a essência da abordagem: transformar a dor em uma narrativa visível e, portanto, administrável.

¹ Agradecimento: A publicação do cordel contou com os recursos financeiros do Apoio Matricial em Socioeducação. Projeto de Extensão coordenado pela profa. Dra. Oriana Holsbach Hadler, do Instituto de Psicologia e do Centro Interdisciplinar em Educação Social e Socioeducação - CIESS/UFRGS.

² O CREAS é uma unidade pública governamental que oferta, necessariamente, o serviço de proteção e atendimento especializado a famílias e indivíduos (PAEFI), é vinculado à proteção social especial de média complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e tem como principal propósito atender famílias e indivíduos em situação de risco ou com direitos violados, buscando fortalecer vínculos familiares e comunitários, promover a garantia de direitos e prevenir a reincidência das violações.

A escrita de *É de Partir o Coração* foi um processo colaborativo, alimentado por narrativas orais, escutas atentas e o apoio mútuo entre jovens adolescentes, uma educadora social e demais profissionais da equipe do CREAS. As estrofes, construídas em conjunto, se tornaram uma forma de materializar o sofrimento e, ao mesmo tempo, de iniciar um caminho de travessia que envolveu lágrimas, abraços e a solidariedade das profissionais que acompanhavam o processo do grupo.

Ao explorar a experiência daquelas que sofrem com vulnerabilidades sociais, o cordel expõe como o ciclo de violência pode ser reproduzido, transformando as vítimas da opressão social em potenciais pessoas opressoras no próprio ambiente familiar. Nesse sentido, a violência doméstica é vista como sintoma de uma ferida social mais profunda, que nega a humanidade e o valor de seus integrantes e que, por vezes, se desdobra em violências nas instituições que seriam, em tese, *locus* de proteção social.

2 A MEMÓRIA COMO MÉTODO DA COLETA DE DADOS

Em 2023, quatro jovens adolescentes, identificadas aqui pelos pseudônimos Alice, Bia, Isis e Will, de idades 14, 16, 13 e 15 anos, respectivamente, todas em situação de acolhimento institucional, propuseram à equipe de trabalho a escrita de um cordel. O interesse foi resultante de uma aproximação anterior com a leitura e debates de cordéis diversos. Fazendo uso da palavra, foram narradas violações de direitos que se transformavam em escutas interessadas, anotações coletivas e, por fim, a produção de uma determinada estrofe do cordel³. A memória como instrumento de coleta de dados, segundo Dores (1999, p. 113), ressalta, sobretudo, o seu caráter subjetivo: “Uma subjetividade que a caracteriza como um método Qualitativo. Ou seja, baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa”.

Para explorar o cordel *É de partir o coração* (Lemes, 2024), produzido pelas autoras acima nomeadas, e seus elementos literários (como ilustrações, rima, métrica e linguagem, além do seu conteúdo que reflete as violações de direitos), neste ensaio, utiliza-se da análise documental como principal procedimento metodológico. Conforme Junior *et al.* (2021), o procedimento de análise documental se concentra no exame aprofundado de materiais escritos ou visuais e sua finalidade é extrair novas interpretações

³ A entrada no campo e a construção da relação pesquisador-campo foram facilitadas pelo fato de duas das autoras atuarem como servidoras públicas no município, na política de Assistência Social, o que permitiu uma inserção orgânica e sensível no cotidiano das famílias atendidas pelo CREAS. Quanto aos pressupostos éticos, a pesquisa pautou-se pelo respeito absoluto à autonomia e à dignidade dos sujeitos envolvidos. As famílias e os jovens, cujas vivências e falas compõem os diários de bordo, autorizaram expressamente o uso de seus relatos e imagens para fins de produções científicas.

e informações de documentos que podem ser inéditos ou já utilizados, mas que merecem uma nova leitura. Para os autores, o conceito de documento é amplo: pode ser uma declaração oficial, o registro de um fato, um arquivo digital ou qualquer material escrito que sirva como fonte de um acontecimento. Adverte-se para não confundir a pesquisa Documental com a Bibliográfica — a principal diferença reside na natureza das fontes: a pesquisa Bibliográfica foca em fontes secundárias, ou seja, documentos que já receberam um tratamento analítico e foram publicados (como livros e artigos); enquanto a pesquisa Documental utiliza fontes primárias, isto é, materiais que ainda não foram analisados por pesquisadores. A análise Documental representa uma ferramenta de pesquisa social que valoriza a investigação de fontes primárias para revelar novas perspectivas e conhecimentos sobre a realidade humana e social.

Para complementar o escopo dos dados, além da materialidade do cordel, de onde foram selecionadas 17 estrofes posteriormente agrupadas por aproximações entre os tipos de violência, recorreu-se também às memórias de seu processo de criação, registradas em diários de bordo (Lemes, 2022/2023/2024a/2024b), bem como ao registro do evento de lançamento da obra (Lemes, 2025). Os diários de bordo consideram a memória como método de coleta de dados (Dores, 1999). As análises, com base em Freire (2005), entre outros autores, ancoram-se na concepção crítica do conhecimento.

3 ANÁLISE DO CORDEL EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIAS

A violência doméstica, sob a ótica de uma concepção crítica do conhecimento, não é um problema gerado apenas pelo agressor (isto é, o indivíduo isolado), mas é um sintoma de um sistema opressor mais amplo. Pessoas socialmente vulnerabilizadas – aquelas que vivem em condições de pobreza, inclusão precária, racismo ou outras formas de opressão – frequentemente internalizam a violência que sofrem. Elas são oprimidas, exploradas, não reconhecidas e, muitas vezes, submetidas ao terror. Nas palavras de Freire (2005, p. 47):

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como *outro*. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os demitidos da vida, os esfarrapados do mundo. Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos. Quem inaugura o ódio, não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que negaram, negando também a sua.

Freire (2005) é direto: a violência não nasce do oprimido, mas do opressor. Ressalta-se que essas pessoas não são as originadoras da violência, mas sim as vítimas dela. No entanto, a grande questão é: como a violência se reproduz? Embora o autor não culpe os oprimidos pela origem da violência, Freire (2005) nos alerta para o risco de que estes, ao serem “demitidos da vida”, acabem reproduzindo a lógica do opressor. A violência doméstica, nesse contexto, pode ser vista como um reflexo e uma reprodução dessa violência original.

Uma pessoa que foi oprimida e que não teve sua humanidade reconhecida pode, em um contexto de extrema vulnerabilidade e desamparo, não ter as ferramentas para lidar com suas frustrações e traumas de forma não violenta. Acaba, pois, por se tornar um opressor no espaço privado, reproduzindo, em sua família e em suas relações mais íntimas, a mesma dinâmica de poder e violência que sofreu no espaço público, por exemplo. A violência doméstica, assim, é sintoma de uma ferida social mais profunda e complexa.

Freire (2005, p. 47) fala também sobre o “desamor” e a “negação dos homens”: pessoas que vivem vulnerabilizadas socialmente muitas vezes não têm seu valor reconhecido pela sociedade e são tratadas como se tivessem sua humanidade negada, o que as impede de se reconhecerem nas outras e de se respeitarem e se amarem plenamente. As violações de direitos, então, se manifestam como uma expressão desse desrespeito, desse desamor e dessa negação. A pessoa agressora, muitas vezes, não enxerga a vítima como um ser humano pleno, com dignidade e direitos, mas como um objeto sobre o qual pode exercer poder. Essa atitude é um eco da forma como a própria pessoa agressora foi tratada e desumanizada pela sociedade. Assim, a violência doméstica praticada por pessoas vulnerabilizadas não é apenas um problema de ordem individual, mas uma manifestação da violência estrutural e sistêmica de uma sociedade que se impõe. Talvez a solução não esteja apenas em punir a pessoa agressora, mas em combater a opressão que está na raiz de todo esse ciclo de violência crescente e brutalizada.

3.1 CARACTERÍSTICAS DO CORDEL *É DE PARTIR O CORAÇÃO*.

Impresso em papel-jornal, a obra possui 28 páginas. Da perspectiva formal do texto, é possível afirmar que segue estrutura e métrica bem definidas, mesmo que com algumas variações. As estrofes são escritas em sextilhas (seis versos) e seguem o padrão de rima ABCBDB, típico do cordel. Ao todo, o texto possui 26 estrofes, além de paratextos. Outra característica presente na obra é o uso de metáforas. As ilustrações são impressas em preto e branco, o que sugere uma estética tradicional e simples, que remete à origem popular e artesanal do cordel.

Figura 1 – Xilogravura da capa



Fonte: arquivo das autoras (2025).

A imagem da capa, desenhada pelas jovens autoras e xilografada por Sebastião Palhares de Freitas⁴, representa um coração humano, com traçados referentes aos músculos, às artérias e às veias, partido em três, com um toque de realismo. A figura vai além da mera emoção, sugerindo que o problema também é do corpo, e não apenas da alma.

No interior do cordel, um universo de xilogravuras em miniatura se desdobra. Ali, a cultura nordestina ganha vida através de símbolos familiares: a sanfona e o triângulo ecoam a música, o jogue e a serpente habitam a paisagem árida e o cacto, o caju e a espiga de milho celebram a terra. Elementos festivos, como a fogueira de São João, o mini guarda-chuva do frevo e as bandeirolas penduradas, se misturam a paisagens cotidianas: o barco de pesca, a igreja do vilarejo e a terra ressecada sob o sol forte ou o céu estrelado. Mais do que simples adornos, essas ilustrações servem como ferramentas que também contam a história, pois transportam o leitor e a leitora para a região do Nordeste, estabelecendo uma conexão visceral. Para um leitor e uma leitora do Sul, por exemplo, essas imagens são uma janela para uma cultura distinta, criando uma ponte de reconhecimento e apreciação com vistas a tão almejada interculturalidade.

A análise das 17 estrofes selecionadas da obra revela a impossibilidade de categorizar a violência doméstica de forma rígida, pois esta se manifesta em múltiplas camadas e contextos. A narrativa do cordel, assim como a vida real, é complexa e interligada, exigindo um olhar crítico para ser compreendida em sua totalidade.

⁴ Agradecemos ao xilógrafo Sebastião Palhares de Freitas pela criação da arte da capa.

As estrofes são agrupadas para facilitar a análise. Contudo, se reconhece a fluidez entre os temas: o primeiro grupo, composto pelas estrofes 02, 04, 05, 08, 09, 10, 12, 13, 21 e 24, trata da violência contra mulheres, crianças e adolescentes e de como esta pode se manifestar tanto na pobreza extrema quanto em ambientes com alguma fartura; o segundo grupo (estrofes 06, 15, 16, 17 e 18) foca especificamente na violência sexual contra crianças e adolescentes, explorando tanto o ambiente familiar quanto o institucional. Por fim, as estrofes 25 e 26, que concluem o cordel, convidam o leitor e a leitora a refletir e a manter a esperança.

3.2 VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM OLHAR PARA O SUL DO BRASIL.

No dia 14 de dezembro de 2022, a jovem adolescente Will, que frequentava o grupo, estava profundamente abalada com uma notícia que circulava na mídia: dois dias antes, em 12 de dezembro, um homem de 31 anos, residente na cidade de Alvorada/RS, havia assassinado seus quatro filhos, de 11, 8, 6 e 3 anos. A notícia inspirou a escrita da estrofe 2: “Da cidade de alvorada/A notícia é ruim/Quatro crianças foram mortas/E seu pai disse assim:/Foi pra vingar minha mulher/Que no casamento deu fim” (Lemes, 2024, p. 9).

A linguagem é direta e sem rodeios, sendo a primeira voz, do narrador, aquela que traz a notícia de que quatro crianças foram mortas. A segunda voz é a do pai, que confessa o crime e justifica sua ação: Foi pra vingar minha mulher. Ele não demonstra arrependimento e se mostra vingativo, usando as crianças como forma de atingir a ex-mulher.

Infelizmente, a notícia do município de Alvorada não é um fato isolado em nossa região. A pesquisa de Mendes (2025) aponta para um aumento nas mortes de crianças e adolescentes no contexto de violência familiar. Segundo a matéria, nos anos de 2015 a 2017, a violência familiar estava por trás de cerca de 40% dos assassinatos de crianças no estado, enquanto em 2024, esse percentual saltou para 70%. O caso de Alvorada é um exemplo extremo e trágico do sadismo e do amor às avessas que, para Freire (2005, p. 52), significa:

O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida. Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida.

O pai, em vez de amar e proteger seus filhos, os utiliza como um meio de vingança — uma ferramenta para ferir sua ex-mulher. Essa atitude revela a objetificação das crianças, reduzidas a meras coisas a

serem sacrificadas para satisfazer a raiva do agressor. A violência não é um simples ato de crueldade, mas a manifestação de uma consciência opressora que busca dominar e controlar. O pai, ao tirar a vida dos filhos, destrói a “ânsia de busca”, a “inquietação” e o “poder de criar” que caracterizam a vida. Age, pois, com uma visão necrófila que se opõe à vida e se orienta para a morte, demonstrando um “amor” distorcido e pervertido, que se manifesta na destruição e na vingança.

O aumento alarmante de mortes de crianças e adolescentes no contexto de violência familiar no Rio Grande do Sul reforça a reflexão a partir de Freire (2005). Os dados estatísticos sugerem que a violência familiar, em muitos casos, não é apenas um problema de dinâmica interna, mas a expressão de uma mentalidade opressora que se propaga e se manifesta de forma fatal. Nesses casos, o ambiente da família, que deveria ser um espaço de proteção e vida, transforma-se em um cenário de morte, onde a opressão sadista se impõe sobre os mais vulneráveis.

As estrofes 4 e 5, a seguir ilustram a dualidade da vulnerabilidade infantil, que pode ser explorada tanto pela pobreza extrema quanto pela violência oculta em ambientes de menor risco nutricional. A estrofe 5 foi inspirada na experiência da jovem adolescente Will que, movida por um desejo incontrolável, comia leite condensado escondida da mãe. Para puni-la, a mãe a forçou a comer várias colheres de açúcar, quase a sufocando. Ela descreveu esse episódio e outras violências verbais como tortura.

Estrofe 4: Na casa de uma delas/A comida era escassa/Tinha apenas cacetinho/E a mistura era graxa/O padrasto e a mãe/Ficavam com refri e a bolacha (Lemes, 2024, p. 10).

Estrofe 5: Aos 6 anos de idade/Com a outra era fartura/Mas o doce do açúcar/A deixava insegura/E com ele conheceu/O amargo da tortura (Lemes, 2024, p. 11).

Ao confrontar a estrofe 4, que descreve a privação material extrema, com a estrofe 5, que retrata a violência oculta por trás de um ambiente aparentemente menos restritivo em termos alimentares, temos um alinhamento com a tese de Martins (1993, p. 15) sobre o multidimensionamento da pobreza. O autor nos convida a “banir a piedade ingênua” que entende a pobreza apenas como a falta de comida e moradia, e a enxergá-la como uma “carência de direitos, de possibilidades, de esperança”.

Nesse sentido, a estrofe 4, com sua imagem da graxa como mistura e do privilégio da bolacha negado às crianças, é um exemplo cru da pobreza material. Contudo, sob a ótica de Martins (1993), essa privação é apenas a manifestação mais visível de uma pobreza ainda mais profunda: a carência de direitos dentro do próprio núcleo familiar. O abandono social da família se reflete no abandono da criança, que tem seus direitos básicos de nutrição e cuidado negados pelos próprios responsáveis.

Já a estrofe 5 expande a compreensão da pobreza para além do material. A violência da mãe que força a filha a comer açúcar até quase sufocá-la por um ato de indisciplina evidencia uma carência de direitos e dignidade que não está ligada à falta de recursos financeiros, mas a uma patologia de poder e abuso. Martins (1993), na mesma obra, nos ensina que a supressão da infância e a perda de esperança podem ocorrer tanto em ambientes de privação econômica quanto em ambientes de aparente abundância. Ambas as estrofes, portanto, denunciam uma mesma realidade: a de que a violência contra a criança é a manifestação de um abandono profundo, seja ele econômico, social ou emocional.

A estrofe 8 discorre sobre uma série de violências físicas: “Apanhava de chinelo/De cinto e de varinha/Beliscões, tapas na cara/Qualquer coisa que convinha/E as mãos que machucavam/Também se arrependiam” (Lemes, 2024, p. 12). As memórias do processo de produção do cordel (Lemes, 2023) revelam, ainda, que essa série de violências era praticada pelas mães das adolescentes quando estas eram crianças.

Na perspectiva de Freire (2000b), a violência descrita não é apenas um ato de agressão, mas um obstáculo ao desenvolvimento da autonomia infantil. A expressão “qualquer coisa que convinha” ecoa a falta de limites necessários e éticos que Freire menciona, mostrando que a punição não visa educar, mas controlar de forma arbitrária. Em vez de encorajar a criança a pensar, indagar e duvidar, essa violência desprovida de lógica impõe um modelo de obediência cega. A complexidade introduzida pelo verso “as mãos que machucavam/Também se arrependiam” reflete o conflito interno da autoridade, mas o remorso da pessoa agressora não anula o impacto da violência sobre a vítima. Freire (2000b, p. 58) argumenta que a liberdade se constitui na “assunção ética de necessários limites”, mas o cenário de violência e arrependimento sugere uma relação em que o poder é exercido de forma opressiva, impedindo a criança de aprender a decidir e, conseqüentemente, de se tornar um ser livre e autônomo.

Os registros das memórias do debate quando do lançamento do cordel (Lemes, 2025) revelou uma apreciação significativa. Leitoras e leitores reagiram de forma solidária tanto com as jovens adolescentes quanto com seus genitores, identificando-se com as crianças violentadas no passado e com as mães que machucavam e, também, se arrependiam. Essa identificação levou as mães a refletirem sobre a necessidade urgente de romper o ciclo da violência e sobre uma certa naturalização da mesma.

Fernandes (2018, p. 229) explica, em parte, essa identificação. A autora vai além da violência física e a enxerga como um “escoamento da raiva” — um processo em que a criança se torna o “objeto mais disponível” para receber uma carga emocional externa. Esse ponto é fundamental: a violência não é apenas um ato de punição, mas um meio de transferir um peso psicológico. Fernandes também contextualiza a posição da mulher nessa dinâmica, mostrando que a sociedade lhe impõe a proibição de ser agressiva

mesmo em situações de exasperação é a mesma sociedade que lhe coloca em posição de sobrecarga, em contextos de homens/pais ausentes, violentos e que não comparecem, evidenciando também uma luta histórica de mulheres contra o estado, representado em dispositivos que lhe viram as costas quando estas precisam.

Contudo, a partir das percepções das leitoras, as mães se arrependem porque, em um nível subconsciente, sabem que estão perpetuando um ciclo de violência; a sociedade as colocou em uma posição na qual a criança é a única válvula de escape para sua própria frustração e dor. Logo, a identificação mencionada não é apenas solidariedade, mas um profundo reconhecimento de um padrão opressor que afeta tanto quem bate quanto quem apanha.

As estrofes 09, 10, 12 e 13 foram inspiradas por um contexto de violência doméstica. Em 13 de dezembro de 2023, a jovem adolescente Isis procurou o CREAS para relatar um episódio de agressão física, ocorrido dois dias antes. Segundo ela, seu pai a segurou enquanto a mãe a agrediu com um relho. Apesar de ter ido à escola com as marcas da agressão, as professoras apenas a orientaram a procurar o CREAS, sem tomar a iniciativa de acionar o órgão. Isis também mencionou ter sofrido ameaças do pai, que a advertiu para não contar a ninguém sobre o ocorrido sob pena de ser agredida novamente. Durante os atendimentos, foi constatado que as violências física e psicológica eram recorrentes e Isis foi encaminhada ao Conselho Tutelar que, por sua vez, a direcionou para o acolhimento institucional (Lemes, 2023).

Estrofe 9: Era a festa da firma/E o convite pra toda família/Mas o avô doente/De cuidados dependia/Sem explicação e sem diálogo/Quem deveria ficar com o avô era a guria (Lemes, 2024, p. 13).

Estrofe 10: A guria disse que não/Pois na festa queria ir/Gerou grande discussão/Violência pra confundir/Com a marca de um relho nas costas/Chorando ela foi dormir (Lemes, 2024, p. 13).

Estrofe: 12: Desde pequena assistiu/As surras que a mãe levou/Naquela noite, no andar de cima/O rosto dela Ele acertou/Desmaiada e sangrando/Nas costas, a mãe ela carregou (Lemes, 2024, p. 14).

Estrofe: 13: O irmão com depressão/Não conseguiu fazer nada/O agressor (pai) fugiu de casa/E a guria determinada/Chamou o vizinho da igreja/E no hospital, a mãe ficou internada (Lemes, 2024, p. 15).

As estrofes acima confirmam e ilustram um cenário de violência doméstica e intrafamiliar, explorando a dinâmica de poder, a responsabilidade imposta e o impacto emocional e físico em seus membros. A festa da firma, que deveria ser um momento de celebração, transformou-se em violência e revelou a falta de diálogo e explicação, além da realidade dura do avô doente, que dependia de cuidados, arbitrariamente

delegados à guria — a filha. Essa imposição é o estopim do conflito, evidenciando, na estrofe 10, a cumplicidade entre os agressores, visto que a menina foi imobilizada pelo pai para que a mãe a agredisse com um relho. A expressão “violência pra confundir” explicita um eufemismo para a agressão física e psicológica, enquanto a imagem do relho nas costas simboliza não apenas a agressão corporal, mas também a violência como forma de controle e punição. O ato de “chorando ir dormir” ilustra o trauma e a impotência da jovem adolescente diante dos seus agressores.

A estrofe 12 conecta o passado da jovem adolescente com o presente, pois mostra que a violência não é um evento isolado, mas um padrão repetitivo e naturalizado dentro da família. A violência atinge a mãe de forma brutal e direta (“o rosto dela/Ele acertou”). A cena em que a “guria”, mesmo traumatizada, carrega a mãe desmaiada e sangrando ressalta a inversão de papéis: a filha assume a função de proteger, em uma situação que deveria ser de segurança. A jovem adolescente, apesar de ter sido vítima na estrofe anterior, agora demonstra resiliência e determinação. Ao observar a inação do irmão, na estrofe 13, que “não conseguiu fazer nada” (impacto paralisante da depressão e do trauma na família), a menina toma a iniciativa e quebra o ciclo de silêncio e violência ao buscar ajuda externa, acionando o vizinho da igreja. O final com a mãe sendo internada no hospital sinaliza que, embora a dor e o trauma sejam presentes, a “guria” deu o primeiro passo crucial para a proteção e a segurança, rompendo o padrão de violência que assombra a família.

Para Fernandes (2018), a raiva é um campo de luta multifacetado, no qual as mulheres estão inseridas em embates tanto contra os homens e o Estado quanto contra si mesmas. O fato de a mãe da adolescente ser a principal agressora enquanto o pai a imobiliza ilustra a forma como a violência é perpetuada dentro das relações familiares, transcendendo a dicotomia simples de opressor e oprimido. O ato de agredir a própria filha pode ser visto como manifestação de uma raiva turva e nebulosa que se mistura no cotidiano e se mancha com as emoções complexas de uma vida de opressão. A mãe, ao agredir a filha, pode estar replicando a violência que ela própria sofreu, tornando a jovem um canal de escoamento para sofrimentos que vêm de diversas fontes, resultando em um ciclo onde as vítimas se tornam, paradoxalmente, as agressoras.

As análises de Freire (2005), que argumentam sobre o diálogo e o amor, iluminam a patologia da relação de dominação presente no caso. A ausência de diálogo e explicação mencionada no texto, que precede a agressão com o relho, é a antítese do que Freire (2005) defende como uma relação genuinamente humana. O ato de violência, no qual o pai imobiliza a filha para que a mãe a agrida, não é símbolo de amor, mas uma manifestação de opressão que gera sadismo nos dominadores e masoquismo na vítima. A cena de violência é a expressão máxima da proibição do amor e da liberdade. Somente com a supressão

da situação opressora, algo que a jovem adolescente começa a fazer ao buscar ajuda, é que o amor pode ser restaurado e o ciclo de violência pode ser interrompido, permitindo que o diálogo, fundamento da verdadeira relação humana, possa se manifestar.

A violência descrita nas estrofes e no relato, analisada sob a perspectiva de Cisne e Santos (2018), confirma que a violência contra a mulher e, por extensão, a intrafamiliar, são fenômenos estruturais e patriarcais. A violência não se restringe a atos individuais, mas é um meio de apropriação dos corpos e das vidas dos indivíduos, o que, por sua vez, reforça a própria estrutura patriarcal. A cena em que o pai, o agressor, é o responsável por imobilizar a filha para que a mãe a agrida, demonstra como as relações de gênero e poder são intrincadas e como a violência é um instrumento de controle, pois dita quem tem poder e quem não tem. O fato de a jovem adolescente ser tratada como um objeto de punição e a mãe como uma extensão da vontade do pai demonstra a apropriação de suas vidas e corpos. A violência, nesse sentido, não é um acidente, mas um mecanismo que estrutura e mantém as relações familiares baseadas na dominação e no controle, sendo a mulher e a jovem adolescente os alvos mais vulneráveis.

A escolha de termos como “relho” e “guria” no cordel não é aleatória, mas um detalhe que enriquece essa análise ao contextualizar a violência em um cenário cultural e geográfico específico do Rio Grande do Sul, onde a cultura e as tradições podem, por vezes, ser usadas para justificar ou perpetuar tais atos.

A estrofe 21 trata de um tema social urgente: a dependência química e seu impacto nas famílias. É, pois, um exemplo concreto, mostrando como a doença afeta a vida de uma criança, afastando-a da escola: “Dependência química é doença/A dor de muitas famílias/a criança passou por isso/Sem escola muitos dias/O acolhimento aconteceu/Com a denúncia da vizinha” (Lemes, 2024, p. 19). Um relato da memória do grupo complementa a produção desta estrofe. Segundo Lemes (2023), a jovem adolescente Alice, que se juntou ao grupo de produção do cordel em 12 de abril de 2023, resumiu as fases iniciais de sua vida dizendo: “Eu não tive infância”. Ela expressou sentir falta de seu avô materno, com quem não tinha contato há sete meses, desde que foi acolhida em uma instituição. Embora guarde boas lembranças de momentos com ele, como andar a cavalo, a jovem também o associa a traumas familiares, como um episódio em que ele ameaçou a mãe dela com uma faca. Alice acredita que a vida da mãe foi salva porque ela implorou ao avô para não a matar. Alice também revelou ter fugido de casa aos 11 anos para escapar dos maus-tratos da mãe. Após dois anos, retornou e encontrou a mãe profundamente envolvida com o tráfico e o uso de drogas. Apesar dos problemas, Alice manifestou o desejo de morar com a mãe e os irmãos e atribuiu o vício da mãe à morte da avó materna. Ela percebe que a avó era a única pessoa que apoiava a mãe, enquanto os outros familiares, incluindo o avô, sempre a julgaram.

Segundo Freire (2000b, p. 21), a capacidade de luta e resistência está diretamente ligada à força de vontade, à autoestima e à crença em um futuro melhor. No texto, a mãe da jovem Alice, por ter sido sempre julgada pelos familiares e por ter perdido a única pessoa que a apoiava, teve sua identidade e autoestima “esfarrapadas”. É possível sugerir que essa fragilidade a tornou vulnerável, não lhe dando forças para lutar contra a dependência química e, por consequência, para proteger sua própria filha. A infância que Alice não teve é a materialização da falta de amanhã para os indivíduos subjugados pelas drogas. Essa ausência de um futuro e de esperança se reflete na interrupção de sua educação, uma vez que faltou à escola por muitos dias, e no trauma de testemunhar a violência. A dinâmica familiar, marcada por conflitos, ameaças e abuso de substâncias, destrói a possibilidade de um ambiente protegido para a criança, que se vê obrigada a fugir e a assumir um papel de mediadora de conflitos familiares.

Apesar da dor, Alice demonstra um ato de rebeldia: sua fuga e seu desejo de morar com a mãe revelam uma forma de resistência e esperança. A jovem não aceita passivamente a violência; pelo contrário, tenta encontrar um caminho para uma vida melhor, mesmo que isso signifique correr riscos. Ao atribuir o vício da mãe à falta de apoio familiar, a jovem Alice manifesta uma compreensão crítica da realidade — um passo inicial para a pronúncia do mundo que Freire (2000b) tanto valoriza. O acolhimento institucional, desencadeado pela denúncia de uma vizinha, representa a intervenção de uma terceira força, uma quebra no ciclo de opressão que abre a possibilidade de um novo amanhã, que permitiu que a jovem adolescente tivesse a oportunidade de reconstruir a sua vida.

A estrofe 24 explora a dicotomia entre o sofrimento e a superação: “As dores impressas no corpo/Por vezes, deixaram cicatriz/Marcaram os sentimentos/Confundindo a diretriz/Para a raiva e a tristeza/O perdão é curatriz” (Lemes, 2024, p. 20). Com Freire (2001a), esta estrofe pode ser interpretada como um reflexo das tensões entre autoridade e liberdade, um tema central em sua obra. A violência, que deixa dores impressas no corpo e cicatriz, representa o exercício de uma autoridade opressora que sufoca a liberdade do indivíduo e, quando exercida de forma arbitrária, não estabelece limites necessários, mas sim impõe dor, desorientando a diretriz da vida da pessoa.

No entanto, a estrofe propõe o perdão como “curatriz”, o que, sob a perspectiva freiriana, pode ser lido como um caminho para a superação da ambiguidade em face das relações de poder. O perdão não é um ato passivo, mas uma escolha ativa que restaura a liberdade do indivíduo. Ao perdoar, a vítima da violência, que antes estava confundindo a diretriz e vivendo na raiva e tristeza, se liberta do peso da opressão. Ela passa a ser protagonista de sua própria história, reafirmando sua autonomia e sua capacidade de lidar com as tensões da vida de forma democrática e não violenta. O perdão, nesse sentido, é um ato de

libertação que quebra o ciclo de violência e permite que a pessoa reassuma o controle de seu destino, restaurando o equilíbrio entre autoridade e liberdade.

A violência contra mulheres, crianças e adolescentes se manifesta em múltiplas dimensões, indo muito além das agressões físicas visíveis. As estrofes mencionadas nesse tópico revelam que essa violência é um fenômeno estrutural e patriarcal, perpetuado por dinâmicas familiares complexas, falta de diálogo e traumas. A dor expressa nas estrofes sobre agressões, sadismo e dependência química aponta para uma realidade na qual a família, que deveria ser sinônimo de proteção, torna-se geradora de opressão. Essa mesma fragilidade do ambiente familiar que desprotege os mais vulneráveis cria o terreno fértil para que a violência se aprofunde e se transforme em um dos seus crimes mais hediondos: a violência sexual contra crianças e adolescentes, sobre a qual trataremos na sequência.

3.3 A INFÂNCIA ROUBADA: CULTURA DO ESTUPRO E A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA INFANTIL

As estrofes de número 06, 15, 16, 17 e 18 denunciam a naturalização da violência sexual, da cultura do estupro. A palavra “naturalizada” é a chave aqui, pois revela a crítica à forma como a sociedade lida com o problema.

Estrofe 6: Sua infância foi difícil/Fez coisas que nunca quis/Assistiu tanta indecência/Com a vida por um triz/A levaram para o baile/Como se fosse uma atriz (Lemes, 2024, p 11).

Estrofe 15: Vinho é doce, mas nojento/Roubô a inocência da menina/Aquela dança, aqueles “velhos” /Provocou certa fobia/Mal-estar de vomitar/Já era abuso, mas não sabia (Lemes, 2024, p. 16).

Estrofe 16: Ele tinha 17 anos/Ela? Um pouco mais de três/O que ele fez na van/Aconteceu outra vez/Na pracinha do Abrigo/Outro estupro ele fez (Lemes, 2024, p 16).

Estrofe 17: Na Lei o estupro é crime/Na vida banalizada/Um avô ofereceu um ovo/E a criança aterrorizada/Depois um pé grande na porta/Deixou-a traumatizada (Lemes, 2024, p 17).

Estrofe 18: A cultura do estupro/Está naturalizada/Na família, abrigo e escola/Pessoas são abusadas/Deveriam ser protegidas/Em vez de serem violadas (Lemes, 2024, p 17).

As estrofes revelam a brutalidade e a crueldade com que a inocência de uma criança é violada. Elas não apenas descrevem atos hediondos, mas também revelam a sua naturalização em diversos contextos sociais. A partir da lente de Martins (1993) e Freire (2000a), essa naturalização ganha uma profundidade crítica, mostrando como a sociedade não só permite a violência, como também silencia a voz de suas vítimas, especialmente crianças e adolescentes. A estrofe 6, que descreve a menina como uma “atriz” em um baile, ilustra a violência sexual como um espetáculo social onde a criança é forçada a atuar, fingindo

uma normalidade que não existe. Isso ecoa a ideia de Martins (1993) sobre a supressão da infância — um processo em que a criança perde sua inocência e é obrigada a enfrentar a brutalidade adulta. A frase “fez coisas que nunca quis” é um testemunho direto dessa supressão, mostrando que a vida da criança foi roubada.

Destaca-se a importância da Lei nº 13.431/2017 (Brasil, 2017), mas a banalização do crime. Descrita na estrofe 17 — em que um avô, a figura de confiança, comete o abuso — e na estrofe 16 — com a repetição da violência em um suposto local de proteção, como o Abrigo — revela a falha das instituições em proteger as crianças e adolescentes acolhidas. A violência não se limita ao ambiente familiar; se espalha por locais que deveriam ser seguros, como a escola e até mesmo um abrigo, o que é também a naturalização da violência institucional.

A abordagem de Freire (2000a, p. 90) sobre o “silêncio e a palavra” oferece uma importante compreensão: a violência, em especial a sexual, é um ato de dominação que rouba a palavra da vítima. O opressor, ao silenciar a criança, nega-lhe o direito de se fazer no mundo, de se expressar e de “agir-reflexionar”. Ao declarar “eu não tive infância”, a jovem adolescente do relato está, finalmente, pronunciando sua própria palavra, um ato de coragem que quebra o silêncio opressor. Ao dar voz a essas experiências, o cordel se torna uma ferramenta de conscientização, mostrando que a verdadeira transformação só ocorre quando as vítimas podem contar suas próprias histórias, sem a prescrição de terceiros, para que a luta contra a violência e a cultura do estupro seja um ato coletivo, e não solitário.

As próximas duas estrofes, que encerram o cordel “É de partir o coração”, atuam como uma ponte entre a narrativa apresentada e o leitor e a leitora, transformando o relato em um apelo e uma reflexão:

Estrofe 25: É sabido que o sol/Existe mesmo no escuro/Tanta gente em sofrimento/
Precisando de ajuda/E todos têm direito/De aliviar as amarguras (Lemes, 2024, p. 21).

Estrofe 26: Alice, Bia, Isis e Will/Falaram das emoções/E você que está lendo/Tire suas
conclusões (Lemes, 2024, p. 21).

A metáfora do sol, que existe mesmo no escuro (estrofe 25), dialoga com o conceito de esperança em Freire (2000a, p. 53). O autor defende que a esperança “não é uma espera passiva, mas sim uma necessidade vital que nasce da rebeldia, da ousadia, da luta”. O sol, assim, representa essa esperança ativa, a luz que persiste mesmo nas situações mais sombrias, impulsionando a “consciência do inacabamento do ser humano” (Freire, 1996, p. 50). Ao reconhecer que o sofrimento não é o fim, mas sim parte de um processo de “inconclusão”, as vítimas encontram a força para buscar ajuda e aliviar suas amarguras. O apelo à empatia e à ação (“todos têm direito/De aliviar as amarguras”) transforma essa esperança em um chamado coletivo, que mobiliza a sociedade para a responsabilidade de acolher e proteger.

Esse chamado à ação se materializa na estrofe 26, que convida o leitor e a leitora a tirarem suas conclusões. Essa técnica literária, que humaniza as histórias com os pseudônimos Alice, Bia, Isis e Will, é a representação da ação de um Sistema de Garantia de Direitos (SGD), conforme a perspectiva de Loiola (2020). O cordel, ao dar voz às emoções e experiências das jovens adolescentes, age como um trabalho em rede que não apenas denuncia a violação de direitos, mas também promove o controle social e a mudança de postura de diversos órgãos e atores. O fato de o cordel ter sido produzido por jovens adolescentes acompanhadas pelo CREAS e, posteriormente, ter gerado reflexão e solidariedade, quando tornado público, demonstra a efetividade do trabalho da educação social que se utiliza da literatura como ferramenta de conscientização. A obra não entrega uma resposta pronta, mas atua como um catalisador para que cada leitor ou leitora, ao tirar suas conclusões, se torne protagonista na luta pela efetivação dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da função educativa do cordel *É de Partir o Coração* revela que a literatura popular, quando articulada às práticas de educação social no CREAS, transcende a mera transmissão de informações para se tornar uma ferramenta de denúncia e transformação social com potencial inspirador mediante as graves violações de direitos abordadas. Sob a ótica de Freire (2001b, p. 19 e 20), essa prática de educação social é um processo intrínseco à condição humana de “dizer o mundo”. Ao converterem a dor em rimas, as jovens autoras deixam a posição de objetos de violações para se tornarem sujeitos de sua própria história, operando a transição da consciência ingênua para uma consciência crítica que nomeia, compreende e revela as estruturas opressoras.

A eficácia dessa metodologia reside na união indissociável entre as dimensões ética e estética. A estética manifesta-se na ludicidade da rima e na força da xilogravura, elementos que conferem dignidade ao sofrimento e permitem abordar temas áridos, como a cultura do estupro e o feminicídio. Paralelamente, a dimensão ética se concretiza no respeito à voz e ao tempo das jovens adolescentes, transformando o registro de traumas em um ato político. O cordel, portanto, utiliza a matriz estética nordestina como uma mediação pedagógica capaz de traduzir a complexidade da Lei nº 13.431/2017 para uma linguagem acessível e impactante.

A obra opera, ainda, uma fundamental “alfabetização emocional”, funcionando como um dispositivo de rompimento da cultura do silêncio. Ao circular em saraus e espaços públicos, o texto educa não apenas quem escreve, mas também os profissionais da assistência social, da cultura, da educação, da saúde e do judiciário, transformando o sofrimento privado em um grito coletivo. Esse processo desmistifica a

violência como um fato isolado, expondo-a como reflexo de uma estrutura que desumaniza o indivíduo, e reafirma o papel da literatura como uma estratégia de educação social, de resistência e de cuidado dentro do Sistema de Garantia de Direitos.

Nesse cenário, a palavra surge como o principal instrumento de resiliência e *práxis*. Conforme o pensamento freiriano, a libertação ocorre quando o oprimido pronuncia o mundo, transformando a realidade por meio da reflexão e da ação. O método de produção coletiva do cordel revela-se em uma tecnologia social potente, capaz de mobilizar a sociedade civil em uma rede de proteção, solidária. A função educativa aqui não é um anexo à vida das jovens adolescentes, mas a essência de um processo que busca reconstruir projetos de vida e fortalecer vínculos fragilizados pela negligência e pelo abuso.

Em última análise, o cordel *É de Partir o Coração* confirma que a prática educativa é, em seu cerne, um ato de esperança ativa — o esperar como ação coletiva. Embora a arte não apague as cicatrizes das violações sofridas, ela oferece a “curatriz” da expressão artística e da solidariedade, sendo uma importante ferramenta para a educação social. A arte poética popular reafirma-se, assim, como uma ferramenta política de sobrevivência e transformação humana, provando que a vida não precisa ser apenas um episódio de dor, mas um caminho de travessia para a autonomia, para a liberdade e para a justiça social.

REFERÊNCIAS

- CHAFFE, L. **Canto de cicatriz**. Porto Alegre: Atena produções/Coletivo Feminino Plural. 1 vídeo documentário (22 min 54 s). 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRCuPSBc1W8>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. Biblioteca básica de Serviço Social; v8. São Paulo: Cortez, 2018.
- DORES, F. G. **A memória como método de pesquisa**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, Araraquara, n. 4, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10143>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- FERNANDES, C. “Mães nervosas”: um ensaio sobre a raiva entre mulheres populares. In.: FONSECA, C.; MEDAETS, C. e RIBEIRO, F. B. **Pesquisas sobre família e infância no mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000b.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 3ª edição. São Paulo: Olho D'Água, 2000a.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. Coleção Questões de Nossa Época, v.23, 2001b. São Paulo: Cortez, 5ª edição, (livro digital).

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2001a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 41ª. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JUNIOR, E. B. et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Monte Carmelo, Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, 2021, p.36-51. Disponível: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356/1451>. Acesso em 06 de agosto, 2025.

LEMES, M. **Diário de Bordo 2022**. Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, PMNH, Novo Hamburgo, RS. Inédito, 2022.

LEMES, M. **Diário de Bordo 2023**. Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, PMNH, Novo Hamburgo, RS. Inédito, 2023.

LEMES, M. **Diário de Bordo 2024**. Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, PMNH, Novo Hamburgo, RS. Inédito, 2024a.

LEMES, M. **Diário de Bordo 2025**. Centro de Referência Especializado de Assistência Social, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, PMNH, Novo Hamburgo, RS. Inédito, 2025.

LEMES, M. (org.). **É de partir o Coração**. Novo Hamburgo, RS: PMNH/UFRGS, 2024b.

LOIOLA, G. F. **Produção sociojurídica de famílias "incapazes"**: do discurso da "não aderência" ao direito à proteção social. Curitiba: CRV, 2020.

MARTINS, J. S. **O massacre dos inocentes**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MENDES, L. Maior parte das crianças assassinadas no RS na última década foi morta dentro de casa e pelos próprios pais. Porto Alegre, **RS: Zero Hora**, 2025. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

seguranca/noticia/2025/04/maior-parte-das-criancas-assassinadas-no-rs-na-ultima-decada-foi-morta-dentro-de-casa-e-pelos-proprios-pais-cm92sayjy00oj016xy64g8mmo.html. Acesso em: 11 ago. 2025.

SILVA, A. M. A trajetória da literatura de cordel no Brasil: das feiras às mídias digitais. **VERBUM**, v. 12, n. 2, 2023, p.6-31. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/61815/43333>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ZUCCHETTI, D. T. A produção de sentidos sobre jovens e juventudes. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 47/1, p. 1-11, set. 2008. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/download/2385/3390/10849>. Acesso em: 11 ago. 2025.